

Em Exclusividade-DN Glauber
Rocha apresenta e comenta:

«Mandacaru Vermelho»



Jurema Pena assinou contrato com Nelson Pereira dos Santos (diretor e ator do filme) para estrear "Mandacaru Vermelho" da Redação DN, de cujo momento é o flagrante acima.

Superior de ponta a ponta a "A Morte Comanda o Cangaco" e com momentos plásticos e poéticos melhores a "O Cangaceiro" — Mandacaru Vermelho — é o filme que pode ser rigorosamente considerado como o primeiro "western nordestino" brasileiro. Isto por que Nelson Pereira dos Santos não procurou o exotismo da paisagem, mas o drama humano que habita neste deserto de sol e árvores retorcidas: o nordeste castigado de secas, para onde voltará em novembro próximo, na realização de "Vidas Secas", o grande romance de Graciliano Ramos.

Partindo de uma estória simples — uma pura e bela lenda sertaneja, cheia de misticismo e preconceito, marcada de violência telúrica — o realizador de "Rio, Quarenta Graus" e "Rio, Zona Norte" elaborou um drama de ritmo violento e plasticidade de impacto. Se vimos em "A Morte Comanda o Cangaco" um campo exuberante na fotografia de Tony Rabatony aqui vemos o preto branco dramático e muito mais real na fotografia de Helio Silva que nos dá os mais belos momentos de plasticidade do cinema brasileiro. Colaborando com um diretor sensível, Helio Silva lembra até mesmo o grande Eduard Tissé — dos filmes geniais de Eisenstein — numa espécie de ensaio prévio, de teste para o que será "Vidas Secas". Ao lado do insólito, da poesia dramática das árvores retorcidas, do céu pesado e da terra partida — vemos uma estória de amor e uma estória de violência, definida em linhas rápidas mas incisivas. A preocupação social de NPS — um compromisso livre de extremismos políticos mas uma atitude de responsabilidade do cineasta para com a situação histórico-social do país — faz com que a violência de "Mandacaru Vermelho" não seja gratuita, como nos filmes de cangaço de Carlos Coimbra e Lima Barreto. Existe, fixada com exatidão e sem maiores malabarismos, a situação latifundiária como princípio regente da prepotência e do crime — no caso a figura da fazendeira, dramática e verdadeira, criada pela excelente atriz bahiana que é Jurema Pena — uma das grandes interpretações femininas do cinema brasileiro. E por causa do latifúndio é que explodem as paixões, quando os

homens matam para "lavar a honra com sangue e não por dinheiro. Nisto, "Mandacaru" difere profundamente dos "westerns" americanos. A honra é a marca do caráter sertanejo e é por causa desta honra que nasce uma perseguição de família e ainda é por causa da honra que dois irmãos são levados a uma luta fratricida. Atrás de tudo isto um clima moral já mostrado em nossa literatura mas nunca visto no cinema: Lima Barreto mostrou o nordeste sob o ponto de vista do pitoresco e do anedótico. Nelson Pereira dos Santos, com menores pretensões, abriu um pequeno ensaio do nordeste que vale como aproveitável documentário sociológico. "Mandacaru" é um filme "ligeiro", "rápido" — um filme de ação. É um filme que não requisiu o empenho de autoria do seu diretor mas realizou objetivos imediatos de documentação e dinamismo que o consumam como filme marcante na história do cinema brasileiro. Se em "Rio Quarenta Graus" Nelson inaugurou o "realismo carioca" em "Mandacaru" inicia o "realismo nordestino" — que em breve crescerá com "Três Cabras de Lampião", de Miguel Tórres e Aurelio Teixeira e com "Vidas Secas" do mesmo Nelson e Graciliano Ramos.

Mas — ainda querendo conservar a pura poesia sertaneja em sua narrativa profundamente comunicativa — Nelson Pereira dos Santos aproveitou as chances para realizar uma experiência narrativa enquadrada nas intenções do cinema moderno do mundo. Quero chamar a atenção para os "flash-backs" do romance de Augusto e Clara, "flash-backs" lembrados sob o ponto de vista de cada personagem amante e dotados de extrema poesia. Uma ordem estrutural habilmente subvertida, fluente mas eficiente. E basta esta sequência para fazer de "Mandacaru" um filme de real valor artístico.

No plano da ação, Nelson tirou dois partidos excepcionais do nordeste: a vertigem de "travellings" através da catimba — jalo da corrida final de Augusto e Clara — que está belece o crescendo para o ato final: a luta na pedreira, o grande momento de "Mandacaru".

Eis um problema solucionado: Nelson, brasileiro convicto das possibilidades nacionais,

não imitou cinema americano de "cow-boys". Sua luta é "pra valer": uma luta de facção, tiro e bofetadas. Realista, de uma violência e mesmo de um sadismo marcante. No bafafá final — filmado em "tomadas" belíssimas, contra o céu de chumbo do nordeste — poucos restam. E por fim, sobre os mortos, o coroamento macabro dos abutres que entram em cena e completam o quadro trágico.

Retornado ao lirismo, o casamento é dos momentos mais belos do cinema nacional: uma cantiga de trovador, com rimas simples de "amor com flor" — eis o estilo do final, onde as vozes populares cantam a lenda do mandacaru vermelho de tanto sangue derramado.

Jurema Pena domina o elenco com grande propriedade. Está ótima em sua primeira experiência cinematográfica, que faz antever a excelência de sua futura "Sinhá Vitória", em "Vidas Secas". O vaqueiro Miguel Tórres é um vaqueiro legítimo, encourado e duro — muito diferente daqueles bonecos fantasiados de Carlos Coimbra. Sonia Pereira — bela e ingênua — faz uma Clara correta e meiga, cria um tipo puro do sertão. A "trindade maldita" — Ivande Souza, Luiz Paulino dos Santos e José Telles de Magalhães — são três bons tipos — estranhos e tarados, convencem e muito. E por fim temos Nelson no papel do mocinho — um mocinho como bem convém, discreto e seguro.

Um ponto alto do filme: a música de Remo Usai, o jovem compositor de filmes brasileiros, uma autêntica revolução. É este o mesmo autor da música de "A Grande Feira". Mas é na fotografia de Helio Silva, na excepcional verdade destas imagens poéticas e dramáticas, que vamos encontrar a fonte de um estilo entusiasmante para o cinema brasileiro. Discreto e sensível, Nelson Pereira dos Santos criou, nas imagens, um drama brasileiro, tão evidente e autêntico que esconde todos os possíveis defeitos de "Mandacaru". Defeitos que só podem ser encontrados se discutirmos este trabalho no plano da mais sectária exigência cultural. Este é outro caso e sobre isto esperemos ouvir a palavra final do crítico capacitado que é Walter de Silva.